

# O RESSENTIMENTO DOS EXILADOS EM *TROPICAL SOL DA LIBERDADE*, DE ANA MARIA MACHADO: UMA QUESTÃO SENSÍVEL

Andrea Quilian de Vargas (UFSM)<sup>1</sup>

Rosani Umbach (UFSM)<sup>2</sup>

*Resumo:* Dentro de um vastíssimo universo que opera entre deslocamentos voluntários e involuntários, auto-exílios e expatriamentos forçados, migrações e deportações, o eixo principal desta investigação é a representação literária do exílio durante a ditadura militar de 64 no Brasil. Com base no romance *Tropical sol da liberdade*, da escritora Ana Maria Machado, e com o olhar voltado para questões que vão além da análise formal literária, investigaremos os conflitos e as relações de alteridade advindas de uma situação limite como a que vivemos no Brasil dos anos 60 e 70.

*Palavras-chave:* literatura; exílio; ressentimento.

Então teve início o tempo do exílio, a busca infindável de justificativas, a nostalgia difusa, as questões mais dolorosas, mais devastadoras, as questões do coração que pergunta a si próprio: Onde poderei sentir-me em casa?

(Albert Camus)

Por sua complexidade e polissemia, a questão do exílio exige que levemos em conta, para a execução desta análise, conceitos provenientes de diversas áreas, como

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da Profª Drª Rosani Umbach. E-mail: [andrea.quilian@hotmail.com](mailto:andrea.quilian@hotmail.com).

<sup>2</sup> Profª Drª no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, coordenadora da linha de pesquisa Literatura, Comparatismo e Crítica Social. E-mail: [rosani.umbach@ufsm.br](mailto:rosani.umbach@ufsm.br).

a filosofia, os estudos culturais, a psicologia, a psiquiatria, a sociologia. Tal empreendimento se faz necessário para que possamos entender de que maneira a escritora Ana Maria Machado, enquanto latino americana degredada, fez de sua experiência uma prática discursiva através das personagens de *Tropical sol da liberdade*(2005). O romance em questão foi publicado em 1988 e nos traz, de maneira poética, mas lúcida, o olhar diferenciado de uma mulher sobre os “anos de chumbo” no Brasil. Todavia, não é somente de questões individuais e subjetividades que a narrativa se configura. *Tropical sol da liberdade* também nos revela o estado de inadequação permanente em que viveram os exilados políticos no período da Ditadura Militar no Brasil e na América Latina. Através dos relatos de ex-militantes, alguns presos, outros torturados, cada um com sua intensidade, foi possível conhecermos partes silenciadas ou negligenciadas de uma história que não pode ser esquecida em respeito aos que não ficaram para contá-la, ou que, em virtude da violência da qual foram vítimas ou testemunhas, ficaram impossibilitados de narrá-la. Convém salientarmos que o discurso elaborado por Machado não carrega, em nenhum momento, o peso do patrulhamento ideológico, muito difundido nos romances produzidos no Brasil, especialmente com a volta dos exilados ao país com a anistia, em 1979. Uma leitura atenta nos possibilita uma visão abrangente daqueles tristes tempos, mas livres das questões ideológicas que possam pôr em risco o valor literário e estético do romance.

Lena, a protagonista, era uma mulher que acreditava na vida, no trabalho, no amor e na justiça. Quando menina gozara de uma infância plena e feliz, cercada por amendoeiras, formigas e a brisa do mar que estava ali, no quintal da casa de sua avó, a contadora das histórias de Lobato à beira da fogueira, em noites de lua cheia. Ainda bastante jovem, Lena já demonstrava certo desconforto ao desconfiar que estivesse sendo vigiada, geralmente pela mãe, Amália. Queria ser livre!

Já adulta, jornalista, vê seu mundo ruir. A separação dos pais, o fim doloroso de seu próprio casamento e a Ditadura Militar de 64, essa famigerada página da história brasileira, desestabilizaram-na física e emocionalmente, abalando suas noções de totalidade e suas certezas. Irmã de um militante esquerdista, Lena sentiu, de forma indireta, a força devastadora de um governo autoritário que não poupou sequer meninos e meninas de suas ações arbitrarias. Marcelo, seu irmão, aos 16 anos de idade, fora considerado subversivo e perigoso, uma ameaça à democracia e à ordem no país. Em meio a esse conturbado contexto e já tendo recebido visitas inesperadas da polícia, ela parte voluntariamente para o exílio na França. A partir desse momento, inserida numa cultura estranha, Lena passa a ter contato com expatriados oriundos de toda a América Latina. E aqui começa nossa investigação sobre a situação desses sujeitos que, diferentemente de nossa protagonista, foram arrancados forçosamente de sua terra natal, iniciando um processo doloroso de desenraizamento.

Muito se falou, escreveu, pesquisou, arguiu sobre as marcas deixadas pelo exílio naquele que se viu impelido a abandonar suas raízes. Edward Said (2003), com a propriedade de um refugiado que nasceu em Jerusalém, foi criado no Cairo e

estudou em escolas inglesas que negavam veementemente a cultura árabe, afirma que o exílio é “[...] irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, é produzido por seres humanos para outros seres humanos, é uma condição criada para negar a dignidade e a identidade das pessoas” (Said 2003: 47).

Se voltarmos no tempo e na história, veremos que o exílio sempre fez parte da vida humana. Já na narrativa de Adão e Eva, numa perspectiva bíblica do tema, homem e mulher foram expulsos do paraíso, exilados na Terra de onde nunca mais saíram. E o ser humano seguiu construindo sua trajetória com base nos exílios da história, conquistando terras remotas, construindo cidades e impérios, desbravando mares, ações essas que, em grande parte, só foram possíveis graças à labuta de tantos refugiados, escravizados, asilados, todos vítimas de alguma espécie de segregação, voluntária ou não. E não só para o serviço braçal serviram os expatriados do mundo. De muitos intelectuais, pensadores, cientistas, escritores e filósofos exilados se alimentaram a era e o pensamento modernos. Citamos Einstein, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Hannah Arendt como exemplos de expatriados que difundiram suas ideias mundo afora. De forma semelhante, o Brasil também exportou cultura no período da Ditadura Militar. Paulo Freire, o maior pensador sobre educação do Brasil, após partir para a Bolívia, em 1964, difundiu suas ideias mundo afora, especialmente na Austrália, Nicarágua, Índia, Ilhas Fiji, Tanzânia, Angola, São Tomé e Príncipe, Estados Unidos e África, entre outros. Foi o continente africano que deu a Paulo Freire e seus colaboradores condições de pôr em prática experiências pelas quais o educador havia esperado por longo tempo<sup>3</sup>. Houve casos, também, em que o Brasil acolheu intelectuais, especialmente os que fugiam do Terceiro Reich, de 1933 a 1945, sob o comando de Adolf Hitler. Podemos citar, brevemente, Anatol Rosenfeld e Otto Maria Carpeaux. O primeiro, crítico literário, ensaísta e professor em Berlim, chega ao Brasil em 1937. O motivo de sua saída da Alemanha, como consta em *Exílio e Literatura, escritores de fala alemã durante o Nazismo* (2003), de Izabela Maria Furtado Kestler, fora o fato de que, em 1936, durante os Jogos Olímpicos de Berlim, um estrangeiro pedira-lhe informações em inglês. Um agente do governo achou suspeita tal atitude e intimou-o a comparecer à delegacia. Sendo judeu e de esquerda, fugiu para a Holanda e, em seguida, para o Brasil, onde, após trabalhar como lavrador, vender gravatas e ilustrar portas, dedicou-se ao aprendizado da língua portuguesa. A partir daí, começou a escrever para jornais e dar aulas de Literatura, Dramaturgia e Filosofia. Carpeaux, escritor e publicista austríaco, foi figura importante no cenário cultural brasileiro, tendo trabalhado como redator no jornal *Correio da Manhã*, além de ter colaborado na redação da Enciclopédia Larousse e dirigido “as bibliotecas da Faculdade de Filosofia (1942-1944) e da Fundação Getúlio Vargas (1944-1949), ambas no Rio de Janeiro, para onde se mudara” (Kestler 2003: 88).

Sob esse ponto de vista, parece lícito atribuímos ao exílio algo de utilitário e que contribuiu, em alguns momentos, para o desenvolvimento social e intelectual do

---

<sup>3</sup> Disponível em [http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/05\\_biografia\\_exilio.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/05_biografia_exilio.html). Consulta em 23/11/2012.

homem e o aprimoramento da cultura. Através das constantes migrações e fugas, o internacionalismo cultural atingiu níveis surpreendentes, num momento histórico em que a comunicação massiva ainda não havia atingido os patamares que conhecemos hoje. Através da proximidade entre uma cultura e outra, criou-se uma arte e uma filosofia cosmopolitas, alimentadas pelas viagens dos pensadores sem lar. Jorge Luis Borges, que via com bons olhos a influência europeia, desde que assimilada sem hierarquias, foi um dos primeiros a acenar para o lado enriquecedor de estar fora do lugar. Em uma entrevista concedida em 1980, o escritor, que se considerava quase um forasteiro em Buenos Aires, afirmava que aqueles rotulados como latino-americanos

[...] são, isto sim, escritores, poetas, ensaístas ocidentais, europeus que escrevem por força maior num dialeto latino, como o espanhol e o português. O resto é mera limitação regional que não aceito, porque não existe. Todos eles – como eu – são europeus: e isso é muito bom. Nós somos os únicos escritores europeus na Terra. Na Europa eles são franceses, italianos, finlandeses, alemães, ingleses, mas nunca se reconhecem como europeus. Nós [...] podemos pensar na Europa como uma unidade (Schwartz 2001: 501).

Para Borges, não só os imigrantes europeus que aqui chegaram, mas também os seus descendentes, estariam fora do lugar. Somos todos europeus desterrados, sendo que a ideia de latinidade, para o escritor argentino, seria uma invenção da América do Norte e do resto do mundo. Borges ainda argumenta, em outra entrevista documentada no livro organizado por Schwartz, intitulado *Borges no Brasil* (2001), que não somos índios, nem incas. “A prova disso é que você fala português e eu castelhano, dois dialetos do latim. Não sei se a América Latina existe como comunidade, acho que ninguém se sente latino-americano” (Schwartz 2001: 520). Essa negação das fronteiras presente no discurso de Borges intensifica a ideia de que nosso patrimônio é o universo. No ano de 1991, no 2º Congresso ABRALIC (Associação Brasileira de Literatura Comparada), realizado em Belo Horizonte, Piglia (1991) também ratifica tal posicionamento quando afirma que os homens das letras encontram-se em constante encruzilhada: de um lado, a presença da cultura e da tradição herdadas; de outro, o inevitável contato com o estrangeiro, o novo. Esse deslocamento geográfico e cultural é, segundo o escritor argentino, fonte de enriquecimento e a qualidade que faltava à literatura do próximo milênio. O escritor, nesse sentido, não pode romper totalmente com suas origens, que o levam sempre de volta para casa, mas, nesse retorno, há de levar o novo na bagagem.

Entretanto, no conturbado contexto do século XX, a “era dos extremos”, segundo Eric Hobsbawm (1995), a questão do choque entre culturas distintas atingiu outros níveis, quando foi o ataque à dignidade humana, acima de qualquer outra questão cultural, o que prevaleceu. Voltando à citação de Said, registrada anteriormente neste trabalho, depreendemos que a situação de exílio, pela violência

social que representou no período das ditaduras militares do século passado, jamais possa ser entendida como útil ao aprimoramento da cultura ocidental, nem como condição à evolução da espécie humana. “E, embora seja verdade que a literatura e a história ofereçam episódios heroicos, românticos e até triunfais de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação” (Said 2003: 46). O sofrimento provocado pela retirada traumática de um sujeito de seu território de origem não pode, em nenhuma circunstância, representar um feixe de luz sobre a cabeça daquele que sofre. O contrário nos parece ser o mais apropriado, como traduz o poeta Ferreira Gullar, neste trecho de *A alegria*:

O sofrimento não tem  
nenhum valor  
[...]  
Sofres tu, sofre  
um cachorro ferido, um inseto  
que o inseticida envenena.  
Será maior a tua dor  
que a daquele gato que viste  
a espinha quebrada a pau  
arrastando-se a berrar pela sarjeta  
sem ao menos poder morrer?  
(Gullar 1999: 276-7).

Exilado: expulso, desterrado, banido, degredado, proscrito, expatriado... Os sinônimos são abundantes, todavia não dão conta de traduzir em palavras o real significado de realidade tão traumática. É evidente que, quando falamos de exílio neste texto, não pensamos na acepção do fenômeno no sentido de retirar-se do convívio social como uma ação voluntária, que ocorre por decisão ou iniciativa própria. Ao contrário, compreendemos o exílio na acepção de banir de sua pátria, mandar para o exílio, o desterro, expulsar de casa ou do convívio social, o que evidencia uma ação coercitiva que parte de um poder externo; no caso, do poder do Estado. Martínez (2007) explica que a palavra exílio provém etimologicamente do latim *exsilium*, significando desterro. Nesse sentido, ela teria sido usada entre 1220 e 1250 para referir-se aos desterrados por ordem real, “por manifesta hostilidade do poder” (Martínez 2007: 14). Conforme a autora, “desterrado” e “exilado” são palavras de etimologia próxima, pois ambas fariam referência “à perda de algo próprio ou que pertence naturalmente à pessoa: a terra, a pátria, o país natal, o lugar de origem” (Martínez 2007: 14-15). Independentemente de o exílio/desterro ter sido consequência de uma decisão voluntária, em ambos os casos estaria implícita a pressão de uma força exterior, seja ela um regime de governo, uma forma política determinada, uma ameaça concreta à vida.

A literatura é vasta e informa (aos interessados) que, nos anos 60 e 70, muitos latino americanos, por motivos políticos, deixaram forçosamente seus países de



origem, migrando para outras plagas, inserindo-se em culturas estranhas. Tornou-se cena comum na América Latina dos anos 60 e 70 pessoas algemadas nos aeroportos, casas reviradas, passaportes confiscados, gente fugindo, se escondendo, lutando pela sobrevivência. Parece lícito pensar que, embora o nomadismo acompanhe o homem desde os primórdios, a fixação na terra acabou por cristalizar uma ideia de posse e de pertencimento tão exacerbada que qualquer um que estivesse fora desse círculo social e territorial pré-estabelecido seria rejeitado como um ser diferente e ameaçador. De acordo com o filósofo italiano Máximo Cacciari, “En realidad, la historia de este siglo, marcada, en cierto tiempo, ideológicamente, por [una] política iluminista romántica, es la historia del fin progresivo de todo espacio de cohabitación” (Cacciari 1996: 17). Para Cacciari, que detém uma posição um tanto pessimista sobre o homem, assistimos a uma progressiva eliminação da capacidade humana de conviver, acelerada pelas duas grandes guerras e os conflitos das décadas de 60 e 70. Com base nessa problemática, não havemos de estranhar, em nossos dias, o crescente número de estudos humanísticos sobre o tema do exílio. No Brasil, temas como o estrangeiro, a alteridade e o multiculturalismo têm ocupado destaque nos palcos dos estudos literários. Prova disso são alguns dos encontros promovidos pela ABRALIC que toma como base para os debates o que está sendo discutido nas universidades. Citemos, rapidamente, alguns dos temas propostos nos últimos anos: em 1994, *Literatura e diferença*; em 2000, *Terras e gentes*; em 2004, *Travessias*; em 2006, *Lugares dos discursos*; em 2010, *Centro, centros; ética, estética*.

Mesmo que os estudos sejam incipientes, percebe-se uma movimentação no sentido de aprofundamento da temática. Isso talvez ocorra pelo fato de que, a partir do momento em que o romantismo do exílio passa a se limitar aos versos de Gonçalves Dias, situações de enfrentamento cultural, rupturas, perda da identidade e a difícil tarefa de conviver com o *Outro* se cristalizam. Dividido entre a identidade deixada para trás e a nova realidade que se anuncia, construída por força das circunstâncias, o exilado ferve entre dúvidas e conflitos que põe em cheque sua estabilidade perante a vida. Em alguns casos, especialmente entre aqueles que mantêm o nacionalismo aceso na alma, mecanismos de defesa são acionados, tornando ainda mais difícil a inserção desse sujeito na sociedade que o acolheu. Em outras situações, o ressentimento com o país que o banuiu prevalece, originando uma série de sentimentos destrutivos. Uma vez banido, o expatriado será sempre um forasteiro, e assim se sentirá. Edward Said, em sua autobiografia, relata o seguinte:

Ainda hoje me sinto longe de casa [...] Estas memórias são, em certo plano, a reencenação da experiência da partida e da separação do momento em que sinto a pressão do tempo que se esvai. O fato de viver em Nova York com a sensação do provisório apesar de 37 anos de residência aqui salienta mais a desorientação do que as vantagens que auferi (Said 2004: 105).

Mesmo confortável e seguro em sua nova morada, a dor do desterro acompanhará o sujeito que partiu para sempre, ele jamais a esquecerá. O ato de não esquecer, por conseguinte, acaba por criar um ressentimento tão profundo que só faz intensificar a situação conflitante em que vive o exilado. Segundo a psiquiatra e pesquisadora Maria Rita Kehl, “o ressentido não é alguém incapaz de esquecer ou de perdoar; é um que não quer se esquecer, ou que quer não se esquecer, não perdoar” (Kehl 2004: 12). Ainda de acordo com Kehl, o ressentimento é um sentimento característico do homem contemporâneo, dotado de individualidade exacerbada e de ardilosos mecanismos de defesa. No nosso caso, o segundo item citado merece considerável atenção. Uma pessoa que passa a viver uma realidade diferente da habitual, ameaçada pelas circunstâncias e, ainda, sentindo que sua prole corre perigo, instintivamente ativa mecanismos capazes, em tese, de restabelecer a segurança. Um forte agravante, nesses casos, é a sensação de inferioridade que assola o desterrado. Ele sabe que, naquele território estranho e naquele contexto, não pode reagir. O ressentimento, nesse sentido, é uma manifestação do mais fraco, daquele que não se sente à altura do opressor.

Destacamos em *Tropical sol da liberdade*, obra que nos propusemos analisar, um personagem que, diante das considerações feitas até agora, serve como exemplo. Trata-se de Juan, um velho militante uruguaio, radicado na Suécia há cerca de dez anos. Convidado a participar de um debate sobre o exílio em Roma, aproveitou a oportunidade de passar uns dias num país latino, usufruindo das possíveis semelhanças entre aquele país e o Uruguai. Também “falou mal da Suécia sem parar, ressentido e muito agressivo. Reclamou do excessivo materialismo-capitalismo do país, que não entende trabalho voluntário e solidário de jeito nenhum e paga tudo: uma informação, uma ajuda em tradução, hora extra, entrevista na rádio, qualquer palestra de professor” (Machado 2005: 176). Ponderando que isso seria justo, Lena percebe o profundo ressentimento daquele homem com a sociedade que o acolheu, ressentimento pelo bem-estar daquela gente. Para nossa protagonista, ficara claro que a mágoa de Juan advinha da certeza de que a “utopia sonhada pode até existir, mas seu povo está barrado do ingresso no paraíso” (Machado 2005: 177).

É perceptível nesses fragmentos o quão complexos são os sentimentos que brotam em situações-limite como a do exílio. Ainda sobre Juan, cabe destacar que, mesmo após a possibilidade de regresso com a iminente abertura política e a volta dos exilados ao Uruguai, ele ficou. Não conseguia planejar a volta, não pretendia abrir mão de tudo que conquistara no país estrangeiro, como segurança financeira, aposentadoria, velhice tranquila. “E fica. Reclamando e agredindo. Mas transplantado, impossível de ser sueco, incapaz de ser plenamente uruguaio outra vez...” (Machado 2005: 177). Em outras palavras, Juan não é mais ele, nem é o *Outro*, é algo de intermediário, de híbrido.

Em situações como a do exílio, torna-se comum a existência de uma terceira identidade, uma terceira cultura, oriunda da mistura entre todo o mecanismo social e cultural assimilado antes do exílio, com a cultura da terra estrangeira onde o expatriado passou a viver. Essa terceira cultura não é opcional, é inconsciente, é

questão de sobrevivência àquele em situação de vulnerabilidade. Estar vivendo num mundo de referências distintas das suas representa, naquele momento, um hiato entre o passado e o futuro, um não lugar, uma sensação de não pertencimento eterna. O exilado será sempre o *Outro*, um ser perpetuamente condenado à alteridade. O afastamento da terra natal cria o anonimato, a crise de identidade, a inconstância, a dialética “pessoa e personagem”. A pessoa seria aquele emaranhado de referências anteriores ao exílio e que compunha a identidade. A personagem seria aquela criação forçada de uma personalidade construída para dar conta de sobreviver naquela nova realidade, atendendo às demandas de uma sociedade até então desconhecida, mas com suas características já definidas. Isso ocorre devido à importância de um ideal de pertencimento para o sujeito. No instante em que a convivência com o *Outro* é inevitável, a diferença oriunda desse encontro abala as noções já construídas de sociedade e cultura, originando sentimentos dos mais diversos: irritação, recusa, ódio, todos advindos da mesma fonte, a desestabilização do *Eu*, a perda de si e de suas referências. Nessas ocasiões, o narcisismo ameaçado cria mecanismos de defesa que lhe possam assegurar uma ilusória sensação de poder e domínio. Pode ser através da inserção em algum grupo com o qual se tenha afinidades, por exemplo, ou através da criação deliberada de um outro *Eu*.

Juan, personagem de *Tropical sol da liberdade*, é emblemático por não se encaixar em nenhuma das duas possibilidades citadas acima. Sua atitude paradoxal de reclamar o tempo todo do país que o acolheu, mas ao mesmo tempo sua recusa em deixá-lo, é quase infantil. Ao passo que ruma seus desgostos, Juan não pretende abandonar o *Outro* (o país poderoso que o acolheu) nem a sensação de proteção que este lhe proporciona. Prefere ser protegido a viver outra vida que, para ele, não será como antes em seu país de origem.

Para tentarmos entender a postura de Juan, buscamos algumas explicações nos estudos da psicanalista Maria Rita Kehl, segundo a qual:

O ressentido traduz a falta como prejuízo cuja responsabilidade é sempre de um outro contra quem ele dirige insistentemente um rosário de queixas e de acusações. A insistência na repetição da queixa ressentida não me parece ter o caráter compulsivo e descontrolado de afetos como o ciúmes, por exemplo, com seu componente persecutório que o sujeito não consegue evitar. Não é espontâneo, como a ira e a alegria, nem inominável, como a angústia. Embora as queixas repetidas do ressentimento não escapem à determinação inconsciente, servem, acima de tudo, aos mecanismos de defesa do *eu* (Kehl 2004: 33).

Nesse sentido, podemos depreender que o ressentimento de Juan seja um ato de vontade, ligado à sensação de vitimização que carrega. O alvo das queixas é a Suécia por ser um país desenvolvido e que oferece condições mais dignas a seus habitantes, realidade inaceitável para o uruguaio. Mesmo que também usufrua todos os benefícios que o país europeu oferece, nada será suficiente para livrá-lo do



sentimento de inferioridade que o acompanha, pois o sensível, o que está além da racionalidade, impera. Num artigo intitulado *Ressentimento e ufanismo: sensibilidade do Sul profundo*, a professora Sandra Pesavento nos apresenta a ideia de que:

a sensibilidade estaria na base do próprio conhecimento sobre o mundo que o espírito é capaz de produzir. Entretanto, o conhecimento sensível marca um assalto contra o pensamento cognitivo racional. Porque opera na esfera das sensações e pertence à ordem da intimidade, porque atua na esfera dos sentimentos e fundamenta a percepção, interpretando e qualificando o mundo, o conhecimento sensível não segue exatamente as regras da racionalidade, mas não deixa, com isso, de produzir verdades, valores, ou seja, critérios de interpretação da realidade (Pesavento 2004: 222-223).

Seguindo por essa esteira de pensamento, podemos depreender que Juan encontra duas maneiras distintas de lidar com a realidade: 1) emocional ou sensível, quando não consegue livrar-se do ressentimento pelo bem-estar conquistado pela sociedade onde vive; 2) racional, quando resolve ficar em virtude dos benefícios que essa sociedade oferece a ele e a sua família.

O que não se pode contestar é que, de uma maneira ou de outra, o exílio sempre provoca uma ruptura nos referenciais geográficos, sociais e individuais daquele que foi banido, pois, de acordo com Marcelo Viñar<sup>4</sup>:

O homem se constrói a partir de suas ilusões e de seus projetos, e uma das dimensões da existência é o fato de remodelar permanentemente este jogo de ilusões e de projetos, que se dá entre o ser e as pessoas de sua convivência. O exílio faz abortar este movimento e o destrói, para retomá-lo na estranheza do não-familiar. Daí sua dimensão de traumatismo. Ele se apresenta como um tempo de inércia e contemplação, que emerge após a tormenta, o naufrágio e a catástrofe: propõe o desafio do que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota (Viñar 1992: 111).

No caso específico das ditaduras militares na América Latina, só restou aos sujeitos debaterem-se em vão contra a autoridade severamente imposta. Como poderiam, para manter sua integridade moral, reagir às injustiças, se o custo de tal ato poderia ser a própria vida? Nesses casos, toda reação precisou ser adiada. Nessas circunstâncias, esse “recuo tático”, como denomina Maria Rita Kehl, pode transformar-se em mola propulsora para uma futura reação, em alguns casos, mas

---

<sup>4</sup> Marcelo Viñar é um psicanalista uruguaio que esteve exilado na França por 15 anos. Tem se dedicado, juntamente com sua esposa Maren, às questões que envolvem a relação entre psicanálise e contexto social, especialmente as ditaduras na América latina.

também pode dar início a um penoso sentimento de ressentimento. Contudo, não há unanimidades nesse campo.

Em *É isto um homem?* (1998), de Primo Levi, podemos constatar as divergências comportamentais daqueles que, submetidos a uma condição extrema de aviltamento da dignidade humana, mantiveram posturas diferenciadas. Nos campos de concentração nazistas, houve os que se deixaram abater, houve os que tentaram manter o mínimo possível de dignidade, houve os que escolheram a própria morte como último resquício de humanidade, houve aqueles que não desistiram de sua condição humana, como mostra esta belíssima passagem:

Tenho que confessar: bastou uma semana de cativo para sumir o meu hábito de limpeza. Vou zanzando pelos lavatórios, e lá até o companheiro Steinlauf, meu amigo quase cinqüentão, de peito nu, esfregando-se ombros e pescoço com escassos resultados (nem tem sabão), mas com extrema energia. Steinlauf me vê, me saúda, e, sem rodeios, me pergunta, severamente, por que não me lavo. E por que deveria me lavar? Me sentiria melhor do que estou me sentindo? [...] Quanto mais penso nisso, mais acho que lavar a cara em nossa situação é tolice, futilidade até; hábito automático ou, pior, lúgubre repetição de um ritual já extinto (Levi 1998: 38-39).

A resposta do Steinlauf, depois de ter-se banhado e enxugado com o próprio casaco de lona, foi enfática: “[...] justamente porque o campo é uma engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento [...]” (Levi 1998: 39).

O que nos interessa deixar claro, para que não entremos na vala comum do reducionismo, é que o ressentimento não é consequência necessária da condição do derrotado, mas daquele que se deixou derrotar. Há quem, mesmo em condição de escravidão, consiga manter-se íntegro emocionalmente e não desenvolva uma atitude nociva de queixas, lamentações ou apatia. O primeiro companheiro de Levi no campo nazista optou por não se embrutecer, por manter a dignidade, por mais impossível que isso parecesse naquele contexto. O segundo, mais jovem, optou por cravar os olhos no chão e marchar indiferente, abrindo mão de sua natureza humana. Podemos depreender, com base nesses poucos fragmentos de *É isto um homem?*, que a postura desenvolvida por cada indivíduo em situações extremas é antes definida pelas próprias estruturas interiores desse sujeito do que pela situação externa em si. São os mecanismos internos que irão prevalecer quando uma tomada de decisão (mesmo que inconsciente) sobre o próprio comportamento se fizer necessária.

Esse terrível episódio da história dos judeus, contada por Levi na obra que citamos, foi infinitamente mais perverso e desumano do que o exílio a que foram submetidos os militantes da América Latina, mas carrega muitos aspectos em comum: a tentativa de desumanização, despersonalização, a saída inesperada do

próprio lar, o vazio que ficou em seu lugar, a degradação física e mental. Nessa linha, reafirmamos que a literatura, essa força viva que acompanha o homem em sua trajetória, serve de palco, através de obras como *Tropical sol da liberdade* e *É isto um homem?*, para o desnudamento das verdades mais dolorosas da história da humanidade e para as mais diversas indagações sobre o ser humano.

Voltando ao personagem Juan, destacamos o fato de que esse sujeito, quando no exílio, experimentou o que é viver numa sociedade justa e igualitária, situação negada aos seus conterrâneos. Ou seja, foi preciso haver um pressuposto simbólico de igualdade (todos os homens são iguais perante a lei dos homens e a de Deus) para que o uruguaio se ressentisse pela situação desfavorável de seu povo, vítima de um sistema injusto. Kehl resume essa colocação no seguinte trecho:

Talvez seja possível afirmar que o derrotado só se torna um ressentido quando ele deixa de se identificar como derrotado e passa a se identificar como vítima, sobretudo de vítima inocente de um vencedor que, nesses termos, passa a ocupar o lugar de culpado. É no lugar da vítima que se instala o ressentido, cujas queixas e acusações dirigidas silenciosamente a um outro funcionam para reassegurar sua inocência e para manter sua passividade. A manutenção ativa do ressentimento faz par com a posição passiva que ele ocupa diante do Outro; com isso, a suposta vítima obtém o ganho secundário de desincumbir-se moralmente de qualquer responsabilidade pela situação que o ofendeu (Kehl 2004: 19).

Notemos que houve, por parte de Juan, um deslocamento simbólico das partes envolvidas em seu infortúnio. Ao ressentir-se contra a Suécia, parece que a personagem apagou de sua memória o fato de que fora o seu país, o Uruguai, o responsável pelo seu malogro. Ou, ainda, fora ele mesmo, a partir do momento em que decidiu ingressar em causa tão perigosa quanto a militância política em tempos de regimes totalitários. Em outras palavras, o ressentimento do uruguaio Juan decorre do sentimento equivocado de autovitimização desenvolvido por ele. A maneira de vingar sua suposta condição de vítima é continuar reclamando e agredindo, mas sem abrir mão dos benefícios adquiridos.

Como já pontuamos anteriormente, não há unanimidades quando o tema é o comportamento humano, especialmente em situações-limite como o exílio. Para ratificar nossa afirmação, citamos outras personagens de *Tropical sol da liberdade*, também em situação de expatriamento, para as quais o ressentimento adquirira outra forma, era motivo de medo por parte daqueles que pensavam voltar. Uma delas era Helena, uma artista uruguaia, como Juan, que temia pela adaptação dos filhos num país subdesenvolvido. Será que iriam se acostumar a uma cultura diferente? “Tem medo de que estranhem os cheiros fortes, a sujeira, o barulho alto, o atraso, a desordem, todas as marcas da nossa América Latina, e fiquem infelizes. É basicamente uma mãe que não quer levar a ninhada para uma situação de dor e

sofrimento” (Machado 2005: 177-178). Helena ainda se questiona sobre a aceitação dos que ficaram, se serão hostis: “Dá pra ver que tem medo de se ferir no ressentimento potencial dos conterrâneos que aguentaram a ditadura sem ir embora. [...] receia que seu trabalho não seja reconhecido e os próprios companheiros a sintam como uma intrusa chegando para ameaçá-los” (Machado 2005: 178). O medo da personagem não era gratuito. Todos sabemos (Ana Maria Machado registrou esse fato no romance que estudamos) que, após o retorno dos exilados aos seus países de origem, houve uma rivalidade submersa entre os intelectuais dividindo as pessoas em grupos: os que foram embora, os que ficaram, os que foram presos, os torturados... “A censura, o autoritarismo e a intolerância da ditadura trouxeram também mais essa dor: acabaram muitas vezes sendo incorporados pelos próprios militantes que a combatiam, mas repetiam seus modelos para cima dos companheiros. Exilados ou não” (Machado 2005: 178). Nesse sentido, o ressentimento não advinha dos que se exilaram, mas dos que ficaram, criando uma situação de estranhamento entre aqueles que, supostamente, seriam iguais. Em *Tropical sol da liberdade*, Helena cita o caso de um escritor uruguaio que ficou conhecido no exterior denunciando as ditaduras e que fora hostilizado em sua terra natal:

[...] quanto mais sucesso ele faz, quanto mais os livros dele são traduzidos, mais os outros intelectuais de sua terra o hostilizam, o acusam de se ter automeado porta-voz internacional da cultura uruguaia, de brincar de *superstar*, de monopolizar as luzes e castrar as possibilidades de seus colegas aparecerem (Machado 2005: 178).

Torna-se claro, dessa forma, que as fronteiras que separam o *Eu* do *Outro* não estão relacionadas somente à classe, espaço geográfico, desenvolvimento social de um país ou outro, mas vão além, surgem ao menor sinal de diferenciação entre os indivíduos, ou seja, o *Eu* designa, deliberadamente, quem é seu *Outro* e define sua postura em relação a esse *Outro*. É nesse contexto, segundo o professor e pesquisador Eric Landowski, “que ressurgem práticas de enfrentamento sociocultural de caráter às vezes dramático que acreditávamos ter desaparecido, como se se tratasse de reduzir mais uma vez o dessemelhante [...] a uma posição de pura exterioridade” (Landowski 2002: 4).

Seria ilusório pensar, entretanto, que com o fim dos regimes totalitários ou de qualquer outra situação de conflito o ressentimento e a negação da alteridade encontrariam seu final. Segundo Freud (2006), ódio, ciúme, complexo de inferioridade e, principalmente, a agressividade, são inerentes ao ser humano, que sempre encontrará opositores, reais ou imaginários. Mas o fundador da psicanálise não nega que os sistemas políticos possam favorecer, em maior ou menor intensidade, os ressentimentos, ao menos os sociais, aqueles que abrangem grupos de pessoas. A democracia, ao contrário dos regimes totalitários, ouve o eco dos ressentidos, dos rotulados socialmente, dá-lhes direito de expressão, atenua as indignações e impede que os ressentimentos tornem-se perigosos.

Sobre a aceitação desses rótulos impingidos a alguns segmentos da sociedade em determinados momentos, Landowsky pontua que não se tratam de predisposições naturais, mas criações humanas. O professor nos apresenta o seguinte questionamento em *Presenças do Outro*: “[...] por que aqueles que são rotulados, e ao mesmo tempo rejeitados dessa maneira interiorizam precisamente a mesma norma? É preciso que eles se considerem o negativo do grupo que os discrimina?” (Landowski 2002: 33). O próprio autor dá a resposta asseverando que as situações de superioridade ou inferioridade estabelecidas e aceitas não são, de forma alguma, imutáveis. Cabe a cada indivíduo reconhecer o seu papel na sociedade, reconhecendo também o dos demais cidadãos. Entretanto, sabemos que, por séculos a fio, a alteridade foi negada, negligenciada, esquecida. Sempre houve dominados e dominadores, caminhando em sincronia invejável.

Neste trabalho, onde exploramos o ressentimento como resposta a um ato arbitrário, ainda convém citarmos outra personagem de *Tropical sol da liberdade* que, diante de uma situação de vulnerabilidade como o exílio, ativa outros mecanismos para lidar com a realidade e interagir com o *Outro*. Anna Fischer é seu nome. Vejamos o depoimento dessa sólida mulher, anotado no diário de viagens de Lena:

[...] meu nome mesmo não é Anna Fischer, é Sebastiana. Sebastiana Conceição de Araújo. Logo de saída, virei Anna [...] Quando casei fiquei logo sendo a *Frau Fischer*, do meu marido, e hoje em dia até eu mesma esqueço da Conceição e do resto. Mas acho mesmo que ela era uma outra mulher, que ficou para trás. [...] Eu era secundarista, namorei um cara da faculdade de direito, fomos presos juntos, ele tentou fugir e foi morto, eu fiquei. Apanhei muito, fui torturada. Quando minha família conseguiu descobrir e foi até onde eu estava, meu pai procurou o major e disse que era para bater mais, para ver se eu aprendia. [...] Aí mesmo que a coisa engrossou. Quase morri. Depois, um dia, me soltaram (Machado 2005: 184).

Morando na Europa, casada e vivendo uma situação confortável, Anna Fischer ainda relata que, para ela, o Brasil era uma coisa que tinha acabado para sempre: “De vez em quando eu vou lá, mas sei que, no fundo, eu sou turista. Sou uma estrangeira na cidade, não detecto mais os sinais de perigo. [...] eu tenho medo dos brasileiros, me assusto com a agressividade das pessoas, desconheço a minha gente” (Machado 2005: 184). A mulher ainda afirma que só é brasileira ainda porque trabalha numa empresa onde fala português o dia inteiro, se não já teria matado o Brasil dentro dela: “Porque ele não quer mesmo saber de mim. Já me matou dentro dele. Eu não tinha nem vinte anos e não fiz falta a ninguém” (Machado 2005: 184).

Com base nesse trecho, podemos entender que houve, por parte da personagem, um deslocamento relacionado ao sentimento de abandono sofrido por ela. Em seu relato, está claro que, inicialmente, a menina Sebastiana fora abandonada pela própria família, representada pela figura do pai. Esse sentimento de desabrigo



foi transferido para o país, que, para ela, também não cumpriu com suas obrigações de zelar e proteger os seus. O ressentimento da *Frau Fischer*, todavia, adquiriu outras proporções, diferentes das de Juan, o uruguaio. No caso da brasileira, o ressentimento oriundo do desamparo talvez a tenha levado à reconstrução da vida rompida e à tentativa de ver a si mesma inserida numa sociedade triunfante. Tal reação também pode ser entendida como vingança por ter sido negligenciada, segundo sua própria perspectiva, por seu país e sua família. Ratificamos, após essas colocações, o caráter emblemático do ressentimento que teve origem numa situação de expatriamento. Ambas as personagens, cada uma a sua maneira, encontraram saídas distintas para a sobrevivência numa situação de vulnerabilidade.

Vivemos numa sociedade que, mais do que nunca, se vê forçada a realizar uma reflexão crítica sobre sua história social, cultural e política. Tal reflexão encontra na literatura, especialmente em obras como *Tropical sol da liberdade*, que privilegiam, sobretudo, a dignidade humana, o espelho do mundo. Por vezes, a imagem refletida não nos agrada, mas não há como negá-la. O exílio é uma dessas imagens distorcidas que provocam sentimentos os mais contraditórios e que, ainda nos dias atuais, assustam àqueles que se aventuram especular em terreno tão pantanoso. Na prática, é a retirada de um sujeito de sua terra em virtude de questões políticas. Em sua dimensão simbólica, implica separação, corte, ruptura, luto, crise de identidade, comportamentos heterodoxos. Como sentencia Stuart Hall, no contexto de suas “reflexões sobre a terra no exterior”: “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (Hall 2003: 27). Embora o termo “diáspora” tenha derivado da história moderna do povo judeu, Hall percebe uma interpretação potencializada desse conceito, inscrita como subtexto nas histórias nacionalistas atuais. Relacionando suas ideias ao contexto das culturas caribenhas e suas diásporas, o autor se propõe a refletir sobre “as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença”:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. [...] A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (Hall 2003: 28).

Trata-se, conforme o próprio autor assinala adiante, de um mito, de um conceito fechado de diáspora, que se apoiaria sobre uma concepção binária de diferença; estaria “fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão”, dependendo “da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (Hall 2003: 33).

O autor observa que a cultura, em suas formas atuais, “não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno”, ao contrário, “é uma produção”,

tendo “sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’”. Além disso, dependeria de “um conhecimento da tradição enquanto ‘o mesmo em mutação’”, ou seja, “não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições”. Em relação às nossas identidades, Hall enfatiza que “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (Hall 2003: 44).

No romance de Machado, encontramos a representação de histórias particulares que, transformadas em narrativas simbólicas, recuperam partes silenciadas da vida de tantos brasileiros, argentinos, uruguaios, chilenos... que trazem registrados em suas memórias o ultraje, a ofensa, a negação de suas próprias identidades, a vida danificada pelo trauma. Nos nossos dias, engana-se quem pensa que o exílio, o banimento, essa odiosa prática difundida na América Latina, não mais assombra a sociedade do século XXI. Acompanhamos, através da mídia, o excedente populacional não absorvido que ocupa as fronteiras territoriais dos países prósperos, sofrendo a degradação moral de viver na clandestinidade, na pobreza, sob o medo constante da deportação e do contato com o *Outro*.

*Tropical sol da liberdade* retira da realidade sua matéria-prima, traduz uma parcela da vida dos socialmente excluídos, segregados, numa linguagem que flerta com a poesia e o relato memorialístico. Apresenta-nos um repertório de imaginários sociais que aumenta nossa compreensão da realidade daqueles que tiveram suas vidas interrompidas pelo exílio e encararam o temido *Outro*, o desconhecido, o diferente, esse fantasma que sempre acompanhará a espécie humana.

## THE RESENTMENT OF EXILES IN THE NOVEL *TROPICAL SOL DA LIBERDADE* BY ANA MARIA MACHADO: A SENSITIVE ISSUE

**Abstract:** Within a vast universe that operates between voluntary and involuntary dislocation, exile and self-expatriation, forced migrations and deportations, the main objective of this research is the literary representation of exile during the military dictatorship in Brazil. Based on the novel *Tropical sol da liberdade*, by Ana Maria Machado, focusing on issues that go beyond the formal literary analysis, we will investigate the conflicts and relationships regarding alterity which emerge from situations like the ones we lived in Brazil during the sixties and seventies.

**Keywords:** literature; exile; resentment.

## REFERÊNCIAS

CACCIARI, Massimo. La paradoja del extranjero. Tradução: Dante Bernardi. *Archipelago*, Barcelona, v. 26-27, p 16-20, inverno 1996, p. 18.

FREUD, Sigmund. (1937). Construções em análise. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 2006, v. XXIII.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Tradução: Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos – o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e Literatura: Escrituras de Fala Alemã durante a época do Nazismo*. Tradução: Karola Zimmer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LANDOWSKY, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução: Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MARTÍNEZ, Maria Victoria (org). *Migraciones y escritura: pasado y futuro, lengua y nación*. Córdoba: Univ. Nacional de Córdoba, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Unicamp, 2004.

PIGLIA, Ricardo. Memória e tradición. In: *Anais do 2º Congresso Abralic*, v.1, Belo Horizonte: UFMG, 1991.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Fora do lugar*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARTZ, Jorge (org). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura*: Maren e Marcelo Viñar. São Paulo: Escuta, 1992.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 30/08/2012 E APROVADO EM 20/09/2012.